

TELLES, Lygia Fagundes. **As Meninas**. 5.^a ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1974. 266p.

Maria José Diogenes Vieira Marques
Mestre em Educação
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Triângulo Mineiro (IFTM)

Evelyn Caroline de Mello
Doutoranda em Estudos Literários
Universidade Estadual Paulista (Unesp)

“Tranque as bibliotecas, se quiser; mas não há portões, nem fechaduras, nem cadeados com os quais você conseguirá trancar a liberdade do meu pensamento.”
Virginia Woolf

Indicada ao prêmio Nobel neste ano de 2016, Lygia Fagundes Telles é considerada uma das grandes damas da literatura brasileira. Sua estreia literária se deu na década de 1940, quando publicou o livro de contos *Praia Viva*, contudo, é considerada como sua fase de maturidade, inclusive pela própria autora, a publicação de seu primeiro romance, *Ciranda de Pedra*, na década de 1950.

A autora, conforme afirma em diversas entrevistas, inspirou-se nas conversas de seu filho Goffredo Telles, um adolescente à época, ao transpor para a ficção situações comuns do mundo jovem. Igualmente, teve o cuidado de colher situações históricas, como o folheto recebido por Paulo Emilio Salles Gomes, seu marido, em que se reproduziam as denúncias de um preso político, brutalmente torturado nas dependências da polícia política.

Mulher à frente de seu tempo, formada em dois cursos superiores considerados como masculinos - Educação Física e Direito - desde o princípio, constrói sua narrativa problematizando o desenvolvimento das personagens femininas em uma sociedade marcadamente patriarcal. Exemplo dessa criação preocupada em dar voz à mulher, a obra *As meninas*, publicada em 1973, retoma o contexto do regime militar, partindo da perspectiva de três diferentes jovens universitárias.

A história, *As meninas*, do início ao fim, traz uma confusão de vozes de modo que o leitor precisa se atentar à obra para identificar quem fala no texto: o narrador, Ana Clara, Lia ou Lorena. A densidade do discurso e a identificação com as personagens singulares delineiam um caminho que se percorre lentamente, descobrindo um pouco do perfil das jovens universitárias, suas origens, diferenças e sentimentos misturados em um cenário instável, no período da ditadura militar no Brasil. Perceber a intenção proposta por Lygia Fagundes Telles no texto não é tarefa fácil; exige atenção e interesse do leitor que se vê dominado por um texto jovem e um contexto político que o motivam a chegar à última página do livro.

Dessa forma, a obra que já ganhou versões para o teatro e para o cinema, absorve em seu plano narrativo, as demandas do mundo jovem



e as contingências sociais e políticas pertinentes aos Anos de Chumbo, uma vez que a autora começa a produzi-lo em meados de 1963 e o publica em 1973, período referente ao Golpe Militar engendrado em 1º de abril de 1964, passando pelo segundo golpe, o Ato Institucional número 5, em 13 de dezembro de 1968, sendo publicado ao final do governo de Emilio Garrastazu Médici.

Por situar-se em um período histórico conturbado, cuja censura já atuava rigidamente, a obra é construída de forma a driblar a repressão, utilizando-se de recursos, tais como a metáfora e a pluralização de vozes narrativas, a fim de descomprometer a escrita, tornando o romance insuspeito. Mesmo a inserção do panfleto com as denúncias de tortura é realizada de forma cuidadosa, camuflada exatamente no meio da obra. Assim, a estrutura do romance se organiza de forma que, na introdução, tem-se contato com a voz narrativa da personagem Lorena, uma jovem da elite paulistana, estudante de direito, apaixonada por um amante misterioso, o M.N., que tanto pode ser um médico casado como uma invenção da jovem sonhadora.

É neste tom de devaneio que a obra se inicia, dando ênfase ao título *As meninas*, que poderia, sem problemas, tratar-se de uma inocente narrativa de garotas e seus problemas amorosos. Foi, provavelmente, seguindo esta linha de raciocínio, que o censor responsável deu seu aval positivo ao livro. Conta-se que o responsável leu apenas as primeiras páginas do romance e, acreditando tratar-se de um enjoativo caso de amor de uma menina, não se interessou em prosseguir, aprovando a obra sem mais complicações.

Entretanto, se o censor se aventurasse pelas páginas seguintes, conheceria a trajetória da guerrilheira Lia, uma jovem baiana, estudante de ciência sociais, que luta para libertar o namorado Miguel, um preso político. Por meio da voz dessa personagem, o leitor tem revelações pertinentes à violência e à desordem social do cenário do Regime Militar. Da metade da obra em diante, intensificam-se as denúncias e as críticas sociais nela presente. Uma manobra inteligente que garantiu sua publicação sem passar pela temida tesoura dos censores. De acordo com Duarte (2003, p. 165), nesse período, o engajamento político e social feminino é ativo na luta pelos direitos e

o século XX já inicia com uma movimentação inédita de mulheres mais ou menos organizadas, que clamam alto pelo direito ao voto, ao curso superior e à ampliação do campo de trabalho, pois queriam não apenas ser professoras, mas também trabalhar no comércio, nas repartições, nos hospitais e indústrias.

A obra parte de um microcosmo marcadamente feminino, um pensionato de freiras, onde convivem as três estudantes responsáveis pela narrativa. A voz de Lorena é a que lidera a narrati-

va, revelando, a um tempo, futilidades pertinentes à sua classe social e, de outro, momentos de extrema lucidez, em que analisa o comportamento de suas duas amigas: Lia e Ana Clara. As três personagens configuram formas bastante diversas da condição feminina; se Lorena revela o lado, por vezes cruel, da moça de elite, e Lia a realidade da jovem guerrilheira, Ana Clara será a face mais cruel da sociedade, uma vez que representa o setor marginalizado, àquelas que não foram contempladas pelo Milagre Econômico Brasileiro, no período da Ditadura Militar que mudou rapidamente a vida financeira de muitos brasileiros. Enquanto

nos outros países as mulheres estavam unidas contra a discriminação do sexo e pela igualdade de direitos, no Brasil o movimento feminista teve marcas distintas e definitivas, pois a conjuntura histórica impôs que elas se posicionassem também contra a ditadura militar e a censura, pela redemocratização do país, pela anistia e por melhores condições de vida. Mas ainda assim, ao lado de tão diferentes solicitações, debateu-se muito a sexualidade, o direito ao prazer e ao aborto. (DUARTE, 2003, p. 165).

Neste contexto, as meninas apresentam suas percepções de vida aliadas aos seus próprios conflitos pessoais que representam diretamente o envolvimento feminino no Brasil com as questões sociais, a luta de classes, a discriminação de gênero e a liberdade sexual. Lia se destaca no engajamento político e no enfrentamento da ditadura, enquanto Ana Clara, identifica o lado marginal da sociedade e apresenta uma tranquilidade em explorar a sua liberdade sexual.

Ana Clara é uma aspirante a psicóloga, sem grandes chances de concretizar seus planos de um futuro brilhante, pois está envolvida com drogas e se prostitui para sustentar o vício. Às voltas com um noivo rico imaginário e um namorado traficante, ela passa maior parte da obra, ora delirando sob efeito de alucinógenos, ora perambulando por espaços públicos, sem rumo, em busca do pai que nunca conheceu. Está grávida do namorado e sem qualquer perspectiva de se salvar do caos que a cerca.

Durante a trama, Lorena está preocupada em se declarar para o seu M.N., Lia quer livrar o namorado e seguir para o exílio na Argélia e Ana Clara fantasia um futuro, em suas próprias palavras, “podre de chique”. Entretanto, para uma dessas meninas, a vida não seria tão gentil. Vítima de overdose, Ana Clara morre dentro do quarto-concha de Lorena. A cena de sua morte é a única, em todo o romance, com exceção da foto descrita na epígrafe, em que as três personagens aparecem juntas. Ana Clara já está sem vida: não faz parte do mundo de Lorena, tampouco está incluída na revolução de Lia.

Por controverso que possa parecer, apesar das diferenças ideológicas, o laço maior de amizade se dá entre Lorena e Lia. As duas serão testadas pela incômoda companheira Ana Clara, que como se não bastassem os escândalos e mentiras, compromete o quarto da colega e o santuário do convento com sua morte inoportuna. É Lorena quem decidirá uma forma de descomprometer a todos da responsabilidade sobre o trágico desfecho -, habilmente, comanda Lia e, juntas, montam um espetáculo, a fim de escamotear a situação. Ambas tratam de vestir e maquiagem a defunta, desovando-a em uma praça.

Ana Clara termina o romance sem vida, maquiada e sentada num banco de praça. Não comandou sua vida, não teve controle sobre sua morte. Lia e Lorena, representantes, respectivamente, da esquerda e da direita política, unem-se num pacto para a manutenção das aparências. Ana Clara seguiria esquecida e invisível. O desfecho do romance revela uma crítica contundente à marginalização da mulher popular, representada por Ana Clara. É também uma maneira ácida de contemplar a briga ideológica entre os grupos de direita e esquerda política, posto que nenhuma das duas personagens foi capaz de se sensibilizar com os dramas da colega de quarto.

Apesar de situada em um momento histórico específico, pode-se considerar a obra, *As Meninas*, atemporal, já que trata da condição feminina em sociedade em seus diferentes matizes, sendo lícito afirmar que, atualmente, muitas das situações vivenciadas pelas personagens são possíveis de se diagnosticar na sociedade atual, se levado em consideração que, apesar das várias discussões ideológicas e políticas, em que se rivalizam direita e esquerda política, os setores marginalizados seguem à parte da disputa. A mulher do povo segue “levando a pior” no que se trata de direitos negligenciados, o que convida a uma profunda reflexão sobre os rumos do movimento feminista no Brasil.

A obra abre ao leitor uma percepção, por meio das três meninas, concepções político sociais que em

uma leitura feminista e/ou de gênero leva em consideração, na análise de uma obra, o gênero do autor, o gênero do leitor e as configurações sociais que permeiam a vida de homens e mulheres, o que não quer dizer que o texto literário seja uma “cópia” ou um mero reflexo da realidade, pelo contrário: ele é um amálgama de dados ficcionais e reais, de forma que a realidade nunca é refletida na estrutura ficcional, e sim filtrada por fatores estéticos. Isso se torna ainda mais evidente quando concebemos o gênero como uma representação, e esta representação como sua construção, que se dá de várias maneiras nas instâncias da sociedade, de forma que não podemos dissociar uma análise de gênero das condições de vida em um dado ambiente social. (...), faz com que ele tenha um significado político, pois, ao lê-lo dentro de uma perspectiva feminista, estamos interpretando-o à luz de ações políticas, que estão estritamente relacionadas com a ideologia e com as relações de poder na sociedade. (Bellin, 2011, p.10).

Com *As Meninas* é possível compreender o feminino expresso de maneiras distintas, pluralizando as possibilidades do ser mulher, bem como as necessidades específicas de cada setor social.

Referências

BELLIN, G. P. A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, n. 7, dez. 2011.

DUARTE, C. L. Feminismo e literatura no Brasil. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 151-172, set/dez. 2003.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. 10 ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1994.